

## **Uma disciplina Marcial de Inspiração Budista: história do Kung Fu Shaolin no Brasil**

José Otávio Aguiar

O mosteiro budista de Shaolin, fundado nos últimos anos do século V d.c nas montanhas Song, na província de Henan, atual município de Denfeng, no Norte da China, ficou famoso internacionalmente pelas disciplinas espirituais e físicas que caracterizavam as práticas marciais e medicinais de seus monges. Modernamente, o cinema Norte Americano contribuiu para a difusão de alguns mitos sobre artes legatárias do templo como o Kung Fu e o Tai-chi-chuan.

Este trabalho procede a uma arqueologia das práticas disciplinares e da teoria sobre a guerra e a medicina na antiga China, à guisa de uma contribuição inicial para os estudos das influências culturais exercidas pela arte marcial chinesa sobre a sociedade brasileira. Buscando a genealogia histórica de tais práticas, reconstituiremos sua trajetória relativamente recente em nosso meio, para que possamos diferenciá-las daquelas veiculadas pela comunidade japonesa, mais antiga e enraizada no estado de São Paulo. As artes marciais chinesas são relativamente pouco conhecidas no meio acadêmico. Menos ainda foi escrito sobre a trajetória de seu ensino e o perfil de seus praticantes no Brasil. Através de uma série de entrevistas orais recuperamos alguns traços do cotidiano dos imigrantes chineses na capital paulista, buscando cruzar informações que agora, reunidas e interpretadas, são apresentadas ao debate.

Cumprindo simultaneamente as funções de instância física a partir da qual exercemos poder sobre mundo natural, e meio de interação com o universo do social, o corpo foi e é objeto das mais diversas estratégias disciplinares. Adapta-lo ao tipo de função que deve exercer é um sonho que sempre povoou o imaginário daqueles que exerceram a guerra e organizaram os esportes, bem como dos que desejaram,

modernamente, regular e moldar comportamentos, visando ao aumento da produção. Desejamos, aqui, encarar as artes da guerra na condição de mais um desses saberes disciplinadores do corpo. Nossa pergunta inicial seria: por que razão o Kung Fu Shaolin atrai a atenção dos homens do século XXI? O que, hoje, se busca em uma disciplina budista tão antiga?

Inicialmente, comecemos por uma descrição histórica e etimológica:

O acoplamento das disciplinas marciais no cotidiano dos monges chineses é geralmente atribuída à época da chegada dos renomados missionários do budismo hindu e nepalês, vindos, em sua maioria, da região do Himalaia. Dentre estes missionários destacou-se um nobre hindu conhecido como Bodhidharma, o vigésimo oitavo dos patriarcas do budismo antigo, que, segundo tradições celebradas por textos e memórias orais espalhadas pela China, parece ter chegado ao antigo território da dinastia Wei do Norte, onde hoje se situa Henan, por volta do ano 525 d. C. Inicialmente, sendo monges, os internos de Shaolin não se submetiam às leis imperiais e, por algum motivo, parecem ter recebido grande influência, não apenas das teorias e práticas religiosas de Bodhidharma, mas também dos exercícios físicos e marciais introduzidos por ele e originários de uma antiga arte hindu, também praticada por Sidharta e conhecida como Vajramushti<sup>1</sup>. Do amálgama entre as antigas técnicas de guerra chinesas e as disciplinas do monge hindu, iniciou-se o fio de meada, que, nos milênio seguinte, direcionaria os aprimoramentos realizados por uma série de monges nas técnicas do Kung Fu Shaolin.

O termo Kung Fu, modernamente utilizado se refere a um tempo, momento de habilidade. Já a expressão Wu Shu, mais antiga e enraizada, era utilizada para se referir à arte da guerra.

O auge do desenvolvimento das disciplinas marciais de Shaolin parece remontar ao período compreendido entre 1368 e 1644, quando a China foi governada pelos

---

<sup>1</sup> Do sânscrito “punho direto” ou “punho perfeito”

imperadores da dinastia Ming. Quando o último imperador Ming se suicidou e os exércitos Quing (Manchu) invadiram a cidade proibida, milhares de oficiais chineses, fiéis ao antigo regime e impiedosamente perseguidos se refugiaram em Shaolin.

Em 1736 o templo foi invadido e os monges lutaram por dias seguidos contra um exército que lhes superava enormemente em número. Após o envenenamento das águas e uma série de traições internas o templo foi invadido e incendiado. A dispersão dos monges não evitou, entretanto, a transmissão das técnicas, pelo contrário, a favoreceu. Refugiados em outros templos ou entregues à vida secular, os remanescentes criaram estilos novos em regiões diferentes, adaptando o conhecimento adquirido às necessidades da experiência cotidiana de um período de extrema violência na história chinesa.

Ousados, alguns monges voltaram e reconstruíram o templo, que sofreria ainda diversos ataques nos séculos seguintes, dentre eles, o último, nos anos de 1960, durante a revolução cultural de MaoTse Tung.

Devido às convulsões sociais do século XX, a China nos anos que se seguiram entre 1949 e a década dos anos de 1970 conviveu com a emigração de diversos mestres e monges, herdeiros dessas tradições milenares e perseguidos pelas tentativas de homogeneização cultural movidas pelo governo autoritário. Durante várias décadas o templo Shaolin foi esquecido, e chegou a contar com menos de uma dezena de monges. Atualmente vive-se um renascimento cultural em Henan e os monges além de utilizarem turisticamente as dependências do templo saem pelo mundo em turnês de apresentações, ministrando também cursos de filosofia Chan.

No Brasil o Kung Fu Shaolim chegou na década de 1960, trazido pelo Grão Mestre Chang Kwok Way, que migrando da China Comunista, onde se perseguiam os mestres marciais, se estabeleceu em São Paulo. Hoje o Shaolin conta com milhares de adeptos em todo Brasil.